

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA QUESTÃO DE CLASSE!?¹

Autoras: Adriana dos Santos Lins; Camila Silva Conceição; Magna Elena Farias dos Santos da Silva; Maristela de Sousa Santos Nascimento; Sueli de Almeida Araújo; Victória Caroline de Almeida Araújo Brandão.²

Resumo: Os índices de violência contra a mulher têm despertado crescente atenção e gerado debates em diversos setores da sociedade, incluindo o meio acadêmico. Diante desse cenário, o presente trabalho busca compreender os fatores que contribuem para o aumento dos casos de violência contra a mulher. Metodologicamente, o estudo se baseia em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Para isso, foi realizada uma busca na internet por estudos acadêmicos, reportagens e dados oficiais sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira. O estudo revelou que, historicamente, a violência contra a mulher está associada a fatores como o machismo, o sexismo e o patriarcado, entre outros.

Palavras-chave: Mulheres; Violência; Machismo; Sexismo.

Abstract: The rates of violence against women have attracted increasing attention and generated debates in various sectors of society, including academia. Given this scenario, this work seeks to understand the factors that contribute to the increase in cases of violence against women. Methodologically, the study is based on bibliographical research with a qualitative approach. To this end, an internet search was carried out for academic studies, reports and official data on violence against women in Brazilian society. The study revealed that, historically, violence against women is associated with factors such as machismo, sexism and patriarchy, among others.

Keywords: Women; Violence; Male chauvinism; Sexism.

Introdução

Atualmente, as discussões em torno da problemática que envolve a violência contra a mulher têm sido bastante ampliadas nos diferentes segmentos da sociedade brasileira, principalmente na mídia em geral e no meio acadêmico. O machismo, o sexismo, a misoginia, assim como o patriarcado são fatores que têm grande influência no aumento de casos de violência doméstica e de feminicídio.

¹ Trabalho apresentado no evento Educação Conectada: os impactos das tecnologias digitais na formação docente, realizados nos dias 12 e 13 de abril de 2024, Fundação Visconde de Cairu.

² Graduandas em Pedagogia pela Faculdade Visconde de Cairu.

A discriminação de género, no Brasil, tem sido uma das principais causas da desigualdade socioeconómica e do crescimento da violência contra a mulher. De acordo com o site Brasil de Fato, “a cada 24 horas, oito mulheres sofreram com agressões, torturas, ameaças e ofensas, assédio ou feminicídio.” Diante disso, questionamo-nos: quais são os fatores por trás da violência contra a mulher na sociedade brasileira? Parte-se da compreensão que tal violência atinge as mulheres de todas as classes sociais, independentemente das suas condições socioeconómicas.

Assim, este estudo tem como objetivo compreender os fatores que influenciam os casos de violência contra a mulher na sociedade brasileira. Para isso, foi realizada uma pesquisa na internet, para localizar estudos académicos, reportagens e dados oficiais sobre a violência contra a mulher no país.

Metodologia

A pesquisa em questão trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, realizada a partir da identificação e análise de estudos e reportagens disponíveis na internet que tratam sobre o tema em questão. Assim, foram feitas buscas no Google Académico para localizar e selecionar estudos académicos que abordam a violência contra a mulher na sociedade brasileira, e no Google para localizar reportagens sobre casos recentes envolvendo esse tipo de violência.

Foram selecionados os seguintes artigos: o de Rosane Cristina de Oliveira, Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima e Raphael Fernandes Gomes (2018), que discute a questão do machismo, explicitado nos discursos de ódio proferidos nas redes sociais; o de Nathaly Cristina Fernandes e Carolina dos Santos Jesuino da Natividade (2020), que analisa aspectos da cultura que perpetuam e/ou validam a violência contra a mulher; e o de Luciane de Paula e Carolina Gomes Sant’Ana (2022), que analisa como os discursos de violência contra a mulher se fortalecem.

Após a seleção do referencial teórico, foram pesquisados no Google casos recentes de violência contra a mulher, escolhendo-se dois casos: o da modelo e apresentadora Ana Hickmann, de 43 anos, e o da técnica de enfermagem Simone Maria dos Santos, de 49 anos, em Salvador, Bahia. Nesse sentido, a partir do referencial teórico utilizado, trazemos para a discussão a questão do machismo e do sexismo para analisar a violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Os índices de violência contra a mulher no Brasil

Os altos índices de violência contra a mulher no Brasil têm chamado a atenção da sociedade brasileira como um todo. Em 2023, conforme reportagem do site Brasil de Fato, foram registrados 3.181 casos, um aumento de 22% em relação ao ano de 2022. Desse total, 586 foram feminicídios, sendo que mais de 70% desses crimes foram cometidos pelo companheiro ou ex-companheiro da vítima. Ainda de acordo com o site, 23% dos casos de assassinatos foram cometidos com arma de fogo, e os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Pará e Ceará contabilizaram o maior número de crimes de feminicídio. “O feminicídio acontece quando ele é cometido contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, quando envolve violência doméstica e familiar e menosprezo ou discriminação à condição da mulher.” (Brasil de Fato, 2024, online).

De acordo com o Sindicato dos Servidores da Justiça de 2ª Instância do Estado de Minas Gerais (SINJUS/MG), no Brasil, 84,5% das pessoas têm pelo menos um tipo de preconceito contra a mulher, e 39,91% revelam ter preconceito de gênero. Ou seja, mais de um terço da população acredita que as mulheres são menos habilidosas e competentes que os homens na política e nos negócios, e, por isso, têm menos direitos (SINJUS/MG, 2023, online). Todavia, ao analisarmos os estudos que tratam da violência contra a mulher na sociedade brasileira, veremos que o machismo e o sexismo são dois fatores que influenciam diretamente essa violência.

Para Oliveira, Lima e Gomes (2018, p. 70):

O machismo, como elemento constitutivo advindo da estrutura patriarcal, faz parte da dinâmica social, naturalizado e perpetuado tanto pelo processo de socialização como pelos comportamentos comumente aceitos em várias instâncias: espaço privado, instituições educacionais, espaços religiosos, entre outros. Neste sentido, a “cultura machista”, enraizada, naturalizada e disseminada, perpetua-se.

Em outras palavras, o machismo, naturalizado e perpetuado ao longo da história, se faz presente no cotidiano das pessoas, em todas as esferas da vida em sociedade: econômica, política, cultural e social. Um comportamento que, segundo

as referidas autoras, “[...] pode ser concebido como um conjunto de atitudes, comportamentos, percepções de mundo e normatização, cujo principal referencial é o fato de a figura masculina se sobrepôr, em diversos sentidos, ao feminino.” (Oliveira; Lima; Gomes, 2018, p. 70). Este comportamento desconsidera a igualdade de direitos entre todas as pessoas, independentemente de gênero, classe social, cor/raça, idade, pertença religiosa, nacionalidade, entre outros marcadores sociais da diferença.

Compartilhamos do pensamento de Oliveira, Lima e Gomes (2018, p. 70) ao ressaltarem que:

[...] na estrutura da sociedade, desde a infância, os sujeitos são levados a pensar de forma diferenciada a dinâmica de poder: de um lado, ao menino é apresentado um universo de possibilidades que denotam poder monetário, força física e superioridade e, por outro lado, à menina é apresentado o “mundo” do cuidado, do espaço doméstico, da fragilidade e, por conseguinte, da necessidade de um “protetor”. Esta relação desigual de gênero reproduz o machismo em sua perspectiva simbólica e cultural, uma vez que tal dimensão é perpetuada por intermédio da socialização através das gerações.

Dentre os fatores por trás da violência contra a mulher, destacamos o fato de o Brasil ser um país de tradição cristã conservadora, em que as ideologias e os valores religiosos, como pontuam Paula e Sant’Ana (2022), encontram-se entrelaçados na cultura brasileira, impondo à mulher papéis de reprodutora, submissa e pecadora, reforçando, desta forma, o ideal sexista de esvaziamento da mulher como sujeito, colocando-a como objeto de satisfação e cuidado do homem, devendo ser sempre dócil e passiva. Esse imaginário, segundo as referidas autoras, “faz com que a mulher esteja sujeita à discriminação e assédio em todas as esferas” (Paula; Sant’Ana, 2022, p. 7561). Comportamento que precisa ser desnaturalizado e desconstruído socialmente.

Precisamos compreender que a violência contra a mulher, como pontuam Fernandes e Natividade (2020, p. 76078), “trata-se de um comportamento abusivo, uma grave violação de direitos humanos, em suas múltiplas faces: simbólica, moral, sexual ou física, dentre outras.” A imagem abaixo mostra o círculo da violência contra a mulher, como já sinalizado, cometida, na maioria das vezes, pelo parceiro ou ex-parceiro da vítima.

Figura 1 - Círculo da violência contra a mulher



Fonte: <https://saojoaquim.sc.gov.br/noticia-57046>

Como podemos observar na imagem acima, o ciclo da violência contra a mulher geralmente se inicia com ameaças, insultos e imposições, como se o homem fosse o dono da parceira. Essa situação provoca danos psicológicos e emocionais, que podem evoluir para agressões físicas e verbais mais graves por parte do agressor. Em muitos casos, o parceiro se sente culpado e pede desculpas, acreditando que pode mudar, frequentemente recorrendo à família e aos amigos para persuadir a mulher a permanecer na relação.

A violência contra a mulher não escolhe classe social

Como veremos nos dois casos analisados abaixo, o fato de ter ou não uma boa condição socioeconômica não impede que uma mulher seja vítima de violência de qualquer tipo. Ou seja, ninguém está imune a sofrer algum tipo de violência psicológica, moral, física, sexual, entre outras.

O primeiro caso analisado trata-se da violência sofrida por Ana Hickmann, uma modelo e apresentadora brasileira famosa, com uma condição de vida social e

econômica muito bem estruturada. O fato ocorreu no dia 11 de novembro de 2023, quando a apresentadora estava na cozinha de sua residência com seu filho de 10 anos, seu marido, Alexandre Correa, de 50 anos, e mais duas funcionárias.

Ana Hickmann, ao relatar ao filho que teriam de fazer alguns cortes devido à situação financeira, seu marido não gostou e partiu para a discussão, empurrando-a contra a parede. O menino, assustado, pediu que eles parassem de brigar e saiu correndo. Não satisfeito, Alexandre continuou e deu uma cabeçada na esposa, que conseguiu desviar. Ao tentar pegar o celular que estava na mesa externa, Ana teve o braço preso na porta pelo marido, causando uma lesão. Ela conseguiu ligar para a polícia, mas ele fugiu do local. Neste caso, podemos identificar diversos tipos de violência sofridos pela vítima: violência psicológica, através dos xingamentos; violência física, pelo uso da força; violência moral e patrimonial, que envolvem o controle de bens materiais e dinheiro.

Por ser uma pessoa famosa, o caso violência doméstica sofrida por Ana Hickmann teve grande repercussão nos meios de comunicação, causando uma comoção nacional. Muito se falou sobre o incidente, suscitando um debate acalorado acerca da violência contra a mulher no Brasil.

No entanto, no que diz respeito aos inúmeros casos de feminicídio que têm assustado a sociedade brasileira, muitos sequer são noticiados na mídia em geral. Vale ressaltar que o feminicídio foi tipificado como homicídio qualificado em 2015, abrangendo os casos de assassinatos decorrentes da violência doméstica e o fato da vítima ser mulher.

O segundo caso analisado trata-se de um feminicídio em que a vítima, Simone Maria dos Santos, de 49 anos, uma mulher que trabalhava como técnica de enfermagem e pertencia à classe popular. Segundo os noticiários, o marido da vítima já apresentava histórico de agressões contra ela antes de cometer o assassinato.

O casal tinha dois filhos e morava no bairro de Vila Laura, em Salvador, Bahia. Conforme relataram os vizinhos nas reportagens, os barulhos que vinham do apartamento de Simone pareciam barulhos de construção. Quando ela conseguiu pedir socorro, já era tarde demais; ela foi encontrada morta pela polícia. Relatos apontam que Simone foi agredida e morta a pedradas. O agressor, que não aceitava o pedido de divórcio, foi detido por policiais militares após tentar fugir pulando do apartamento, e foi autuado por feminicídio (Correio on-line, 1 de maio de 2023).

Neste caso, podemos identificar a violência verbal, através dos xingamentos, e a violência física, que resultou na morte da vítima.

Podemos perceber que, nos dois casos, o machismo e o sexismo, atrelados a outros fatores, influenciaram nas violências cometidas contra as vítimas. Também fica evidente que, independentemente da classe social ou econômica, em muitos casos os agressores ficam impunes. Uma triste realidade para uma sociedade na qual a igualdade de gênero deveria ser um direito garantido

Considerações finais

O estudo, de forma geral, evidenciou que a violência contra a mulher está historicamente atrelada ao machismo, ao sexismo, ao patriarcado, entre outros fatores. Esta análise reflexiva nos permite compreender a necessidade de construir uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, independentemente de qualquer marcador social da diferença. É essencial que possamos desnaturalizar e desconstruir o machismo, o sexismo, a misoginia e outros comportamentos que violam os direitos das mulheres. Daí a importância de campanhas educativas de conscientização sobre o quão negativa é a desigualdade de gênero, o machismo e o sexismo na nossa sociedade, bem como os impactos que causam nas relações sociais.

Por fim, é importante salientar que existem serviços especializados de apoio às mulheres vítimas de violência, como aqueles previstos pela Lei Maria da Penha, que oferece medidas protetivas de urgência, como acolhimento, orientação jurídica e acompanhamento psicológico. Esses serviços visam oferecer suporte integral e restabelecer a autonomia e dignidade dessas mulheres.

Referências

BRASIL de Fato. **Violência contra a mulher cresce 22% em 2023**; números podem ser subnotificados. São Paulo (SP), 07 de março de 2024. Disponível em: [Violência contra a mulher cresce 22% em 2023; | Direitos Humanos \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/violencia-contra-a-mulher-cresce-22-em-2023/)
Acesso em: 03 abr.2024.

CORREIO on-line. **Vítima de feminicídio na Vila Laura era técnica de enfermagem no Roberto Santos**. Salvador, 1 de maio de 2023. Disponível em: [Jornal Correio | Vítima de feminicídio na Vila Laura era técnica de enfermagem no Roberto Santos \(correio24horas.com.br\)](https://www.correio24horas.com.br/vitima-de-feminicidio-na-vila-laura-era-tecnica-de-enfermagem-no-roberto-santos) Acesso em: 03 abr.2024.

FERNANDES, Nathaly Cristina; NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino da. A naturalização da violência contra a mulher. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 76076-76086, oct. 2020. Disponível em: [A naturalização da violência contra a mulher / The naturalization of violence against women | Brazilian Journal of Development \(brazilianjournals.com.br\)](https://www.brazilianjournals.com.br/A-naturalizacao-da-violencia-contra-a-mulher-The-naturalization-of-violence-against-women-Brazilian-Journal-of-Development) Acesso em: 03 abr. 2024.

OLIVEIRA, Rosane Cristina de Oliveira; LIMA, Jacqueline de Cássia Pinheiro; GOMES, Raphael Fernandes. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista feminismos**, v. 6, n.1, p. 67-77, jan./abr. 2018. Disponível em: [MACHISMO E DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres | Revista Feminismos \(ufba.br\)](https://www.ufba.br/revista-feminismos/machismo-e-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-uma-analise-das-opinioes-sobre-a-violencia-sexual-contra-as-mulheres) Acesso em: 03 abr.2024.

PAULA, Luciane; SANT’ANA, Carolina Gomes. A violência contra a mulher no Brasil: repercussão pública do machismo estrutural. **Forum lingüistic.**, Florianópolis, v.19, n.1, p. 7555 -7574 , jan./mar. 2022. Disponível em: [A violência contra a mulher no Brasil: repercussão pública do machismo estrutural | Fórum Linguístico \(ufsc.br\)](https://www.ufsc.br/forum-linguistico/a-violencia-contra-a-mulher-no-brasil-repercussao-publica-do-machismo-estrutural) Acesso em: 03 abr. 2024.